



INTERPRETAÇÃO AMBIENTAL E TRILHAS INTERPRETATIVAS: ELABORAÇÃO DE UMA PROPOSTA DE TRILHA INTERPRETATIVA PARA A SERRA DO CATETE, OURO PRETO, MINAS GERAIS.

Lucas Lima Fernandes Padoan

(UFMG)

Hélio de Magalhães Júnior

(UFMG)

Resumo: *A temática ambiental tem se difundido nas últimas décadas, assim como projetos e iniciativas alinhadas a educação ambiental, responsável por sensibilizar e, principalmente, mobilizar comunidades. Desse modo, apresentamos aqui um panorama geral da comunidade do Catete, subdistrito de Santo Antônio do Leito (Ouro Preto, MG), evidenciando sua estrutura local e o contexto econômico, assim como uma breve formação histórica do subdistrito. Por fim, Nesse sentido, inserimos esse trabalho como um meio de propor uma trilha interpretativa visando a conservação da Serra do Catete, bem como instigar a visita na região que apresenta particularidades no que diz respeito a dinâmica socioambiental.*

Palavras-chaves: *Trilha interpretativa; Serra do Catete; Interpretação ambiental; Educação Ambiental.*

Introdução

A temática ambiental tem se difundido nas últimas décadas, assim como projetos e iniciativas alinhadas a educação ambiental, responsável por sensibilizar e, principalmente, mobilizar comunidades para a questão em destaque (SANTOS *et al*, 2011). Nesse sentido, se insere as trilhas e travessias como uma ferramenta importante para a educação ambiental, visto seu caráter educativo e pedagógico (BARCELLOS *et al*, 2013).

A grosso modo, trilhas e travessias são, geralmente, caminhos tradicionalmente conhecidos por diversas comunidades visando principalmente a locomoção (FONTES e VITORINO, 2012). Com a apropriação desse conhecimento tradicional por outros segmentos sociais temos a popularização de várias trilhas objetivadas a aproximar o visitante ao ambiente natural ou conduzi-lo a uma determinada mensagem específica (FONTES e VITORINO, 2012).

Desse modo, é possível introduzir as trilhas interpretativas como um instrumento eficaz na sensibilização, uma vez que a mesma é comumente utilizada em projetos de modo que possibilite interpretar o ambiente, transmitindo informações, revelando significados e/ou simbologias observadas na paisagem (SANTOS *et al*, 2011). Assim, as trilhas interpretativas são responsáveis por garantir o contato com um ambiente não-urbano, promover a interação homem/natureza, bem como contribuir com a emergente consciência ambiental (SIQUEIRA, 2004).

Visto que as trilhas tem um grande potencial educativo, sendo, portanto, uma das ferramentas adotadas pela Interpretação ambiental (SANTOS *et al*, 2011), pretendemos aqui elaborar um breve roteiro para uma trilha interpretativa situada na Serra do Catete (figura 1), localizada no pequeno povoado de Catete, bairro de Santo Antônio do Leite, distrito pertencente a Ouro Preto.

O distrito de Santo Antônio do Leite possui aproximadamente 1.705 habitantes e abrange cerca de 34 km² (IBGE, 2010), enquanto o povoado de Catete tem cerca de 50 habitantes e suas terras sustentam a prática agrícola, incluindo campos de pastagem para criação de gado, assim como a produção de frutas, verduras e legumes (SECTUR-OURO PRETO).



Figura 1. Contextualização da comunidade do Catete, Ouro Preto - MG. Fonte: Portal Wikipédia.

Assim, justifica-se a escolha da região pela existência de um mosaico de paisagens que é produto de diversos processos fisiográficos marcados pela ação antrópica. O ambiente distingue-se por uma enorme quantidade de voçorocas, as quais são geralmente associadas a remoção da cobertura vegetal e práticas agropastoris inadequadas. Contudo, a Serra do Catete já se mostra susceptível a erosão, uma vez que a região é oriunda da formação geológica predominante por granito-gnaiss (BONNA, 2009), os quais são facilmente intemperizados e erodidos, o que nos indica uma predisposição natural da região à formação de voçorocas.

Percebendo os interesse dos turistas pela paisagem e belezas cênicas da região, o dono de uma pousada local, a Pousada Mirante do Café, criou a trilha Mirante do Café, a qual está registrada no Inventário de Proteção do Acervo Cultural e Sítio Naturais da Prefeitura de Ouro Preto (PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO, 2007). Esta trilha, entretanto, conta apenas com placas indicando a localização de um caminho que leva até um ponto alto da Serra do Catete. A ideia do presente trabalho é, portanto, desenvolver um roteiro para configurar uma trilha interpretativa de caráter auto guiada neste local, uma vez que suas potencialidades locais são propícias para fomentar discussões, entre moradores e também turistas, sobre a interferência humana como um importante fator na conformação das paisagens.

Sendo assim, o tema principal da trilha a ser criada é resumido pela seguinte afirmação: “As distintas ações do homem criam diversas paisagens”. Dessa forma, colocamos em debate o conceito multidimensional de paisagem, bem como os elementos inerentes ao mesmo, que permeiam o ambiente físico, os aspectos culturais e socioeconômicos da região (MAXIMIANO, 2004).

Metodologia

A construção desse trabalho foi dividida em quatro etapas principais: (i) levantamento bibliográfico acerca do conceito de paisagem e da interpretação ambiental, (ii) pesquisa sobre a Serra do Catete e o seu entorno, (iii) visita a área de estudo e, por fim, (iv) a elaboração da trilha interpretativa.

Em uma primeira etapa e preliminar, realizamos um estudo a partir de referências acadêmicas sobre o conceito de paisagem, assim como o conceito de interpretação ambiental, para que fosse possível pensar em uma trilha interpretativa para a área da Serra do Catete e a comunidade nela ali inserida. Foi estudada, a princípio, a evolução histórica destes dois conceitos de forma a ter uma noção abrangente das variadas definições que são propostas para “paisagem” e “interpretação ambiental”.

Desse modo, se fez necessário o conhecimento da dinâmica ambiental da região, bem como a relação existente construída ao longo do tempo de ocupação entre a comunidade local e o meio. Assim buscou-se, através de dissertações, artigos e teses, uma literatura multidisciplinar abordando questões relativas a formação geológica da Serra do Catete, ao uso do solo e conformação do relevo e processos erosivos expressivos como as voçorocas da região, vegetação original e a história de seu povoado. Tal pesquisa foi subsidiada em um segundo momento pelo pré e pós-campo ao realizarmos o levantamento de informações, dados demográficos, mapas e fotos de satélite sobre a Serra do Catete e sua comunidade afim de conhecer melhor a região para a visita de campo e para a realização deste trabalho.

Na terceira etapa realizamos uma visita a área a comunidade do Catete e percorremos a trilha já utilizada pela Pousada Mirante do Café com o auxílio de um morador local. Fizemos diversas paradas em locais que potencialmente poderiam se configurar em pontos estratégicos da trilha interpretativa. Estes foram marcados com GPS para nos auxiliar na elaboração da trilha. Em cada parada o guia local nos falava um pouco do que podíamos ver na paisagem e contava um pouco da história local.

Por fim, a última etapa do trabalho significou a elaboração da trilha interpretativa e na produção do presente trabalho. Para isso, os autores se reuniram diversas vezes, e através de um jogo de “brain storm” foram surgindo ideias de instrumentos de informações a serem usadas na trilha de forma que esta atendesse ao objetivo do nosso tema. Também foram levantadas curiosidade variadas sobre o local que pudessem despertar a atenção e o interesse do público.

Ao pensar na trilha, foi necessário atentar que para Sam Ham (1992) a elaboração de uma trilha interpretativa exige que haja uma tradução da linguagem técnica e científica para que o público, em geral não cientistas, possam compreender a mensagem de forma divertida e interessante. Como o tema da presente trilha é expresso pela frase “As distintas ações do homem criam diversas paisagens”, foi necessário traduzir informações sobre a história, a cultural e os aspectos naturais da região, além de conceitos da paisagem, para uma linguagem simples e sutil.

Discussão e resultados

a) Revisão teórica

Pode-se afirmar que a ideia de paisagem acompanha a existência humana, visto que nossa sobrevivência depende restritamente da relação estabelecida com o ambiente em si. Desse modo, considera-se que a paisagem está intrinsecamente alinhada em nossa trajetória e sua essência está presente em nossa memória antes mesmo da elaboração de seu conceito (MAXIMIANO, 2004). Segundo Maximiano, a paisagem sempre esteve presente em expressões culturais que, a princípio, retratavam um conjunto particular de elementos selvagens. Contudo, a noção de ambiente natural foi se modificando e transformando ao longo dos anos. Posto isso, vemos paisagem como um conceito multidimensional, ou seja, passível de inúmeras interpretações.

Milton Santos (1988), por sua vez, define paisagem como tudo aquilo que nós vemos, até onde nossa vista alcança, sendo possível considerar também aquilo que sentimos, ouvimos e percebemos, se tratando, portanto, da interpretação e percepção de elementos visíveis ou não. Cosgrove (1998) propõe uma abordagem similar à de Milton Santos, afirmando que paisagem é uma maneira de ver, uma forma de compor e harmonizar o mundo externo em uma unidade visual.

Nesse sentido, Cosgrove desdobra a noção de paisagem em três implicações principais: (i) um foco acerca das formas visíveis em nosso mundo, desde sua composição e estrutura espacial; (ii) a concepção racional do meio ambiente e, por fim, (iii) a intervenção humana como forças modeladoras. Assim, o autor promove a inserção do ser humano em meio ao ambiente natural, considerando-o um agente modelador e remodelador do espaço, em meio a processos ambientais

endógenos e exógenos. Assim, pode-se inferir que toda paisagem guarda uma enorme gama de múltiplos significados a serem decifrados, uma vez que a mesma é capaz de incorporar significados e simbologias sobre óticas distintas.

Como já dito, o conceito de paisagem é muito diverso e desdobra em abordagens variadas, como por exemplo a Ecologia da Paisagem, que propõe uma análise bilateral, visto que sugere uma análise a partir de dois segmentos principais: a geográfica, que privilegia o estudo da influência do ser humano sobre o ambiente e até mesmo a gestão do território; e a abordagem ecológica, a qual enfatiza a importância do contexto espacial sobre os processos ambientais.

Metzger (2001), apropriando-se da Ecologia da Paisagem propõe uma definição integradora como um mosaico heterogêneo, sendo ele avaliado sobre uma perspectiva espacial e cultural da visão geográfica e pelo olhar dos processos ecológicos pela visão ecológica, buscando convergir e mesclar as ideias de modo a garantir uma melhor resolução dos problemas ambientais.

Dessa maneira, colocamos, no presente trabalho, o estudo da paisagem como uma ferramenta interdisciplinar e completamente integrada a aspectos histórico-culturais relacionados a interação entre homem e natureza. Sendo assim, vemos a necessidade de assimilar e incorporar as diversas percepções de paisagem e integrar um mosaico heterogêneo capaz de subsidiar elementos para a compreensão da transformação da paisagem em um sentido amplo, mas também tentando abstrair aspectos particulares como as mudanças climáticas, redução da biodiversidade e a fragmentação da paisagem (SOLORZANO *et al*, 2009).

Assim, a partir do conceito de paisagem, buscaremos trazer reflexões ao público em relação a paisagem do catete e as transformações pelas quais passou ao longo dos anos, sendo também necessário, para isso, a introdução de elementos da história, cultura, características naturais da região, dentre outros. O principal objetivo da trilha interpretativa do Catete é fazer com que o visitante, compreenda, de forma sutil, que ‘As distintas ações do homem criam diversas paisagens.’ Para isso, é fundamental que se faça uma discussão dos conceitos de Interpretação Ambiental e trilha interpretativa.

Tilden (1977 apud BARCELLOS *et al*, 2013) foi um importante filósofo para a formalização do conceito de Interpretação Ambiental. O autor descreve a interpretação ambiental como uma atividade educativa que revela significados e inter-relações de forma original, através do contato direto com os objetos de estudo. Para Vasconcellos (2006, apud BARCELLOS *et al*, 2013), o contato direto com o meio neste processo é essencial para proporcionar ao público um entendimento efetivo do entorno ecológico e das consequências das ações do homem sobre este entorno. O autor considera que os princípios da interpretação ambiental são: despertar a curiosidade, construir

conceitos, provocar reações nos indivíduos. De maneira similar, Siqueira (2004) define a interpretação ambiental como uma técnica didática que busca esclarecer os fenômenos da natureza para um determinado público com linguagem adequada e acessível, buscando promover no grupo um sentimento de pertinência a natureza. Acrescentamos, entretanto, que a interpretação ambiental também pode também trazer a compreensão acerca de fenômenos antrópicos e suas interações com ambientes naturais, já que, muitas vezes, estes dois processos (fenômenos naturais e antrópicos) se encontram entrelaçados e inter-relacionados, sendo difícil delimitar uma fronteira entre ambos.

Sendo assim, de acordo com Vasconcellos (1997 apud SANTOS et al 2011) as trilhas interpretativas tem sido um dos instrumentos pedagógicos de interpretação ambiental mais utilizados tanto em ambientes naturais como em construídos. As utilização das trilhas ocorre não somente objetivando a transmissão de conhecimentos, mas também propiciando atividades que analisam os significados dos eventos observados no ambiente bem como as características do mesmo (SANTOS et al 2011). Isso se dá, pelo fato de serem capazes de sensibilizar, levar o indivíduo a reflexão e promover a interação homem/natureza, podendo contribuir na formação da consciência ambiental (SIQUEIRA, 2004) e no despertar de um senso crítico. Assim, a trilha interpretativa também passa a exercer a função de acrescentar valor a experiência do visitante, através do oferecimento de informações sobre as características históricas, culturais e ambientais do lugar (MURTA E GOODEY, 2002).

b) Proposta de trilha interpretativa

A proposta da trilha interpretativa na Serra do Catete proporciona uma caminhada que vai da comunidade do Catete até o ponto mais alto da serra, perpassando, desse modo, por diversas paisagens e garantindo sensações distintas ao longo do caminho.

Nesse sentido, inicia-se a trilha a uma elevação de 1.150 metros de altitude, em meio a uma vegetação mais densa, caracterizada pela unidade vegetacional de mata atlântica, onde, à medida que a trilha é percorrida, é facilmente perceptível as mudanças no solo e na vegetação, bem como a paisagem de uma maneira geral.

A trilha possui um percurso único, onde partimos para o topo da Serra e voltamos ao ponto inicial. Ressalta-se que a trilha apresenta um relevo acidentado na maior parte de seu percurso (figura 2).

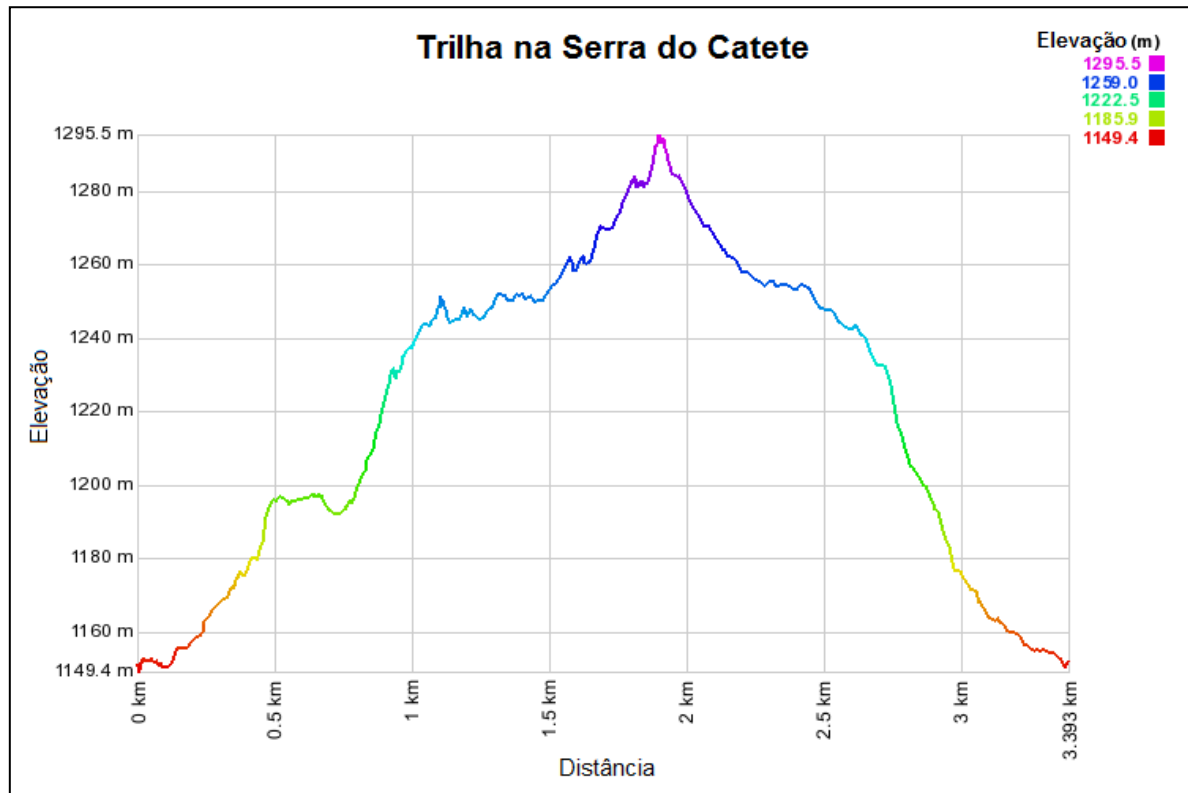


Figura 2. Perfil altimétrico da trilha na Serra do Catete.

- Distância a ser percorrida: 3.400 metros;
- Altitude máxima: 1.295 metros;
- Grau de dificuldade: Mediano, em decorrência da alta declividade;
- Tempo aproximado para conclusão da atividade: 2h 30 minutos.

Para a proposição da trilha foi necessário o desenvolvimento de um tema interpretativo afim de orientar e transmitir uma mensagem, de tal modo, estabelecemos nosso tema em função da importância da noção de paisagem e das transformações que nela ocorrem.

Tema: As distintas ações do homem criam diversas paisagens.

Tópico: Transformações espaciais provocadas pelo ser humano;

Nosso roteiro propõe uma visita a trilha na Serra do Catete (figura 3) na modalidade autoguiada, nesse sentido, se faz necessário a produção de folders e placas com a finalidade de auxiliar e

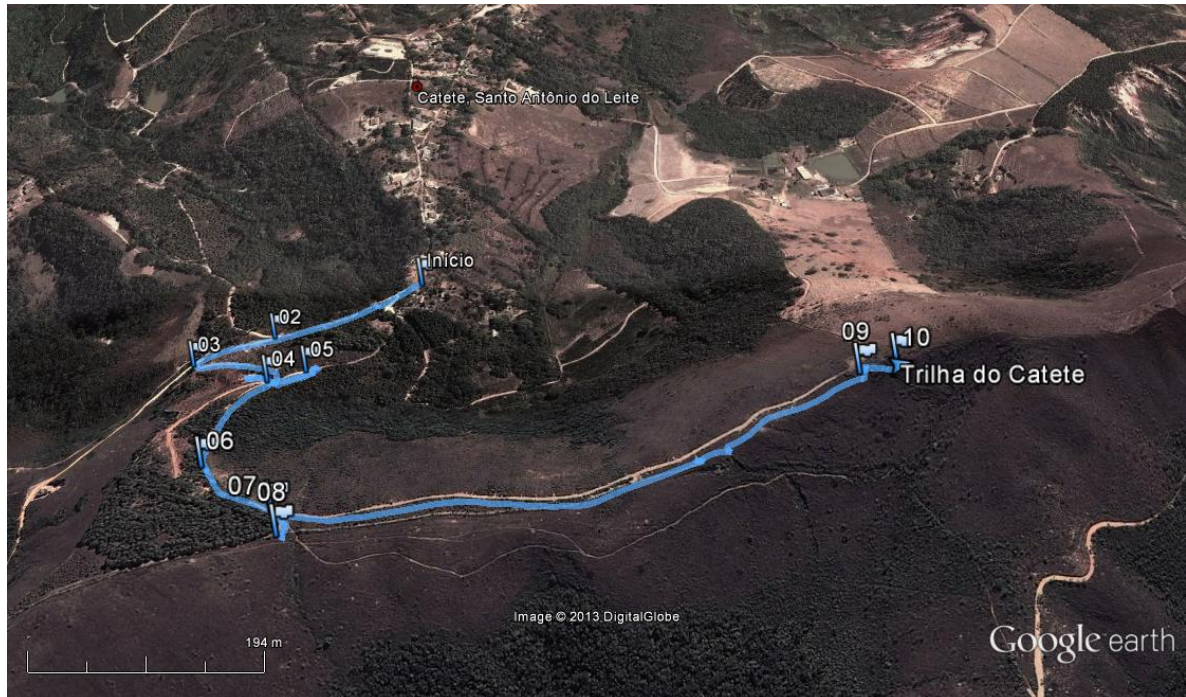


Figura 3. Percurso da trilha na Serra do Catete.

orientar o visitante.

Início (Ponto 01)

O início da trilha proposta localiza-se na comunidade do Catete, na capela de Nossa Senhora da Conceição. Pretende-se que seja criado um painel próximo à capela com: informações gerais sobre a região, orientações sobre a trilha como sua extensão, dificuldade e tempo estimado, orientar sobre a importância do uso de protetor solar e não deixar resíduos na trilha.

No marco inicial da trilha propõe-se a distribuição de folders contendo informações sobre o percurso da trilha, assim como as orientações de cada ponto de parada.

1ª Parada (Ponto 03) – Plantação de eucalipto

Nesse ponto, com o auxílio do folder, pretende-se tratar sobre as plantações de eucalipto, sua origem histórica no Brasil e os impactos ambientais gerados em função de sua produção, como por

exemplo: espécies exóticas em detrimento da vegetação nativa; homogeneização da paisagem; perda de biodiversidade; alto consumo de água e etc.

2ª Parada (Ponto 04) – Mirante das Serras

No Mirante das Serras é possível ver um conjunto de serras no horizonte, relacionando-as com os mares de morros tão marcantes em paisagens de Minas Gerais. Evidenciaremos no folder a importância de se preservar as serras por serem áreas de recarga hídrica e que quando degradadas pelo homem, elas ficam mais propícias a ações erosivas e a formações de voçorocas.

3ª Parada (Ponto 05) – Mirante da Cruz

Aqui propõe-se integrar aos folders breves informações sobre o dia de Santa Cruz, onde os moradores se dirigem a cruz exposta neste ponto da trilha e a enfeitam.

4ª Parada (Ponto 07) – Muro de pedras

Aqui pretende-se informar o visitante sobre o período da escravatura na região, quando, de acordo com moradores locais, os escravos fugiam para a região Catete, constituindo quilombos. Vale ressaltar que, de acordo com relatos, os escravos fugidos usavam a Serra do Catete como ponto estratégico de vigia para se protegerem.

5ª Parada (Ponto 08) – Exploração da paisagem

Neste ponto pretende-se tratar da extração de ouro e mármore que já ocorreram na região, bem como as alterações provocadas na paisagem pela extração de minério e outros recursos. Assim, pediremos no folder que os turistas olhem para a antiga exploração de minério da região evidenciando os impactos ambientais da mineração e a transformação na paisagem que esta atividade econômica gera. Introduziremos também breves informações sobre a dinâmica ambiental da região.

6ª Parada (Ponto 09) – Mirante do Café

Aqui propomos uma contextualização da situação atual da região, mencionando o artesanato em prata, a plantação de legumes, hortaliças e frutas, a plantação de eucalipto e café como importantes elementos da configuração local e integração da paisagem.

7ª Parada (Ponto 10) -Final da trilha

O visitante, ao chegar no final da trilha, se depara com a vista proporcionada pelo mirante e tem uma visão geral da comunidade do entorno da Serra do Catete, construindo um importante ponto de reflexão. Deste modo, convidaremos os turistas a refletirem sobre todos os pontos de parada e sobre as distintas paisagens avistadas. Assim, pretendemos que os turistas pensem sobre as formações das paisagens e sobre os impactos positivos e negativos da atividade humana no meio ambiente que foram responsáveis por transformarem e criarem distintas paisagens.

Obs: O retorno é realizado pelo mesmo caminho percorrido de forma livre e contemplativa.

d) Propostas de intervenções na trilha

- Se faz importante a introdução de pequenos mastros de madeira, com as pontas pintadas de vermelho, ao longo da trilha a fim de indicar o caminho;
- Com a finalidade de proporcionar uma melhor interação com a trilha, propomos a introdução de placas sinalizadoras indicando a direção da trilha, prioritariamente nos pontos 02, 03, 04, 07 (figura 5), uma vez que se localizam perto de bifurcações e se faz necessário para a localização da trilha;
- Para garantir uma maior acessibilidade, propomos a implementação de áreas de descanso, contendo um pequeno quiosque com bancos para repouso no ponto 04 e ao final da trilha, no ponto 10 (figura 5).

Conclusões

Apresentamos aqui um panorama geral da comunidade do Catete, evidenciando a estrutura local, sua economia, assim como uma breve formação histórica do subdistrito. Descrevemos o ambiente natural que circunda a serra, mostrando suas características gerais e fragilidades, bem como a relação da comunidade do entorno com o ambiente.

Nesse sentido, planjamos a introdução de uma trilha interpretativa, subsidiada, principalmente, pela caracterização geral da área de estudo. Assim, pretende-se com a trilha interpretativa na Serra

do Catete não só garantir uma experiência diferente, mas sim agregar valor a vivência do visitante, já que é possível introduzi-los em um novo contexto histórico, cultural e econômico, incorporando também novos valores ambientais.

Desse modo, ressaltamos a importância da interpretação da paisagem como uma importante ferramenta da educação ambiental, visto que com ela se torna possível agregar novos valores ao visitante por meio de novas experiências.

Por fim, observa-se que as trilhas interpretativas, de maneira geral, representam um importante instrumento para a mitigação dos impactos ocasionados pelo ser humano, uma vez que apresenta um grande potencial para introduzir e/ou induzir o visitante a crítica da relação homem-natureza, constituindo, portanto, em um importante passo para conservação ambiental.

Referências bibliográficas

BARCELLOS, Mariana; MAIA, Stephanie; MEIRELES, Camila; PIMENTAL, Douglas. **Elaboração de uma Trilha Interpretativa no Morro das Andorinhas: uma proposta de educação ambiental no Parque Estadual da Serra da Tiririca, RJ.** In: I Encontro Fluminense sobre Uso Público em Unidades de Conservação: Gestão e Responsabilidades, 2013, Niterói. Anais do Encontro Fluminense sobre Uso Público em Unidades de Conservação: Gestão e Responsabilidades, 2013.

BONNA, Joyce. **Levantamento de solos, relação classe de solos x erosão na bacia do córrego da Prata em Santo Antônio do Leite - MG.** Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2009, 78 p.

BORGES, Giuliana G. **Turismo e Interpretação do Patrimônio na Reserva do Catete - Ouro Preto - MG.** Monografia. Instituto de Geociências. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2010. Disponível em: <<http://biblioteca.igc.ufmg.br/monografias/Turismo/2010/Giuliana%20Guimaraes%20Borges/tcc72.pdf>>. Acessado em outubro de 2013.

CARVALHO. Carla Juliana Aguiar. **Interpretação da paisagem rural do Catete MG: Proposta de roteiro didático com o uso dos recursos da cartografia escolar e do sensoriamento remoto.** Trabalho apresentado na disciplina Geografia Aplicada A do curso de Graduação em Geografia da UFMG, sob a orientação da Prof.(a) Valéria Amorim do Carmo e avaliado pelas professoras Dra. Janine Gisele Le Sanne Dra. Cristiane Valéria de Oliveira. Belo Horizonte, 2010.

COSGROVE, D.(1998). **A Geografia está em toda parte: Cultura e simbolismo nas Paisagens Humanas.** In: CORRÊA, R.L. et al. (Org.) Paisagem, Tempo e Cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ, pp. 92-123.

FONTES, Marco Aurélio. VITORINO, Maria. **Trilhas Ecológicas: de uso ancestral, essenciais para o meio ambiente.** Disponível em: < <http://bemzen.uol.com.br/noticias/ver/2012/08/18/778-trilhas-ecologicas>> Acesso em: 22/10/2013.

MAXIMIANO, Liz. **Considerações sobre o conceito de Paisagem.** R. RA E GA, Curitiba, n. 8, p. 83-91, 2004. Editora UFPR

METZGER, Jean Paul. **O que é Ecologia de Paisagem?** In: Biota Neotropica, v. 1, 2001.

MURTA, Stela Maris; GOODEY, Brian. **Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual.** In: MURTA, Stela; ALBANO, Celina (Orgs.). Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar. Belo Horizonte: Ed. UFMG; Território Brasilis, 2002.

PORTAL IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas. **Minas Gerais - Ouro Preto.** Disponível em: <http://ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?lang=_BR&codmun=314610&search=minas-gerais|ouro-preto>. Acessado em outubro de 2013.

PREFEITURA MUNICIPAL DE OURO PRETO. **Inventário de Proteção do Acervo Cultural - Sítio Naturais.** Ouro Preto (MG), 2007. Disponível em: <<http://www.ouropreto.mg.gov.br/patrimonio/upload/mirantedocafe-SAleite.pdf>>. Acessado em outubro de 2013.

HAM, Sam H. **Interpretacion Ambiental: una guía práctica para gente com grandes ideas y presupuestos pequeños.** North American Press, 1992.

SANTOS, Mariane; FLORES, Monica; ZANIN, Elizabete. **Trilhas interpretativas como instrumento de interpretação, sensibilização e educação ambiental na APAE de Erechim/RS.** In: Revista Eletrônica de Extensão da URI. Outubro de 2011.

SANTOS, Milton. **Metamorfose do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da geografia.** Hucitec.São Paulo 1988.

SIQUEIRA, L. F. **Trilhas interpretativas: Uma vertente responsável do (eco) turismo.** Caderno Virtual de turismo, n. 14, 2004. Disponível em: <<http://www.ivtrj.net/caderno/anteriores/14/siqueira/siqueira.pdf>> Acesso em: 18/10/2013.

SOLORZANO, Alexandro; OLIVEIRA, Rogério Ribeiro e GUEDES-BRUNI, Rejan Rodrigues. **Geografia, história e ecologia: criando pontes para a interpretação da paisagem.** Ambient. soc. [online]. 2009, vol.12, n.1, pp. 49-66. ISSN 1809-4422.

TILDEN, F. **Selecciones de “Interpretando Nuestra Herencia”.** Turrialba, Costa Rica: CATIE, 1977.



VASCONCELLOS, J. M. O. **Educação e Interpretação Ambiental em Unidades de Conservação.** Fundação O Boticário de Proteção à Natureza. Cadernos de Conservação, ano 3, n. 4, dez. 2006.

VASCONCELLOS, J. M. O. **Trilhas interpretativas: aliando educação e recreação.** In: CONGRESSO BRASILEIRO DE UNIDADES DE CONSERVAÇÃO, 1., 1997, Curitiba: IAP, UNILIVRE, REDE PRÓ-UC, 1997, v.1, p.465-477.